

**A VARIAÇÃO NO FENÔMENO DA ROTULAÇÃO
EM TEXTOS JORNALÍSTICOS
DE NATUREZA ARGUMENTATIVA**

Amanda Beatriz Araujo de Oliveira (UFRJ)
abaoliveira@yahoo.com.br

INTRODUÇÃO E METODOLOGIA

Este trabalho analisa um mecanismo coesivo chamado de *rotulação*, ou seja, a utilização de itens da língua que não podem ser interpretados por eles mesmos, mas por referência a outros que são uma porção maior do texto (FRANCIS, 2003). Ao contrário da referência específica, que remete a um ser, pessoa ou objeto específicos, a rotulação tem como referente um processo ou um fenômeno complexo, ou até sequências de processos, como podemos ver no exemplo (1).

(1) Além disso, *as grandes empresas frequentemente preferem criar seus próprios institutos culturais e financiá-los com o dinheiro da renda*. Do ponto de vista da cultura, *isso* não é um problema em si. (Artigo de opinião – *O Globo*)

Neste exemplo, o sujeito pronominal *isso* está retomando as orações anteriormente destacadas. Desta forma, liga o discurso precedente ao que está por vir e contribui para a continuidade tópica. O pronome neutro *isso*, neste contexto, funciona como expressão do mecanismo coesivo da rotulação.

A análise foi feita em textos escritos de natureza argumentativa de dois jornais – *O Globo* e *Jornal do Brasil*. Analisamos 60 textos do gênero *editorial* e 73 do gênero *artigo de opinião*.

No português, esse mecanismo pode ser expresso de três formas:

- 1) pelo pronome demonstrativo neutro *isso* (cf. exemplo 1);
- 2) por um sintagma nominal, que funciona como um *rótulo* (FRANCIS, 2003);

(2) *Por uma série de fatores, as despesas públicas fogem ao controle da sociedade. E o resultado é o aumento da carga tributária. Esse círculo vicioso* precisa ser rompido. (Editorial – *O Globo*)

Cadernos do CNLF, Vol. XIII, Nº 04

Através do SN *esse círculo vicioso*, o autor engloba as orações anteriores e rotula o seu conteúdo. Ao usar a expressão *círculo vicioso*, o autor do texto avalia a situação anteriormente expressa e dessa forma fornece elementos para a formação da opinião do leitor.

3) ou através da omissão do termo (chamada de *anáfora zero*).

(3) Outro grave problema, incontornável para o próximo governo do Estado, é a questão dos transportes na Região Metropolitana, onde 10 milhões de pessoas continuam a esperar, administração após administração, *que alguma coisa mude para melhor*. Quem se dependura no desconforto dos ônibus ou se atreve a correr os riscos do transporte pirata, não aguenta mais esperar \emptyset . (Editorial – JB)

Como, no português, o fenômeno pode vir expresso por uma dessas três formas distintas que funcionam em um mesmo contexto, é possível seguir a perspectiva da Teoria Variacionista (TARALLO, 2004). Contudo, ao analisarmos esse mecanismo sintático-discursivo, deparamo-nos com alguns problemas. O primeiro foi em relação ao pequeno número de dados para a análise (tabela 1 – no conjunto de 133 textos, identificamos 352 ocorrências do fenômeno variável, que estão distribuídas da seguinte forma) (PAREDES SILVA, 2003);

Variante	APL/T	%
SN	141/352	40
Isso	133/352	38
Anáfora Zero	78/352	22
TOTAL	352/352	100

Tabela 1 – Distribuição das variantes no estudo

o segundo é em relação à dificuldade de manutenção do significado das formas variantes, pois não há uma equivalência semântica completa entre as três formas, prevalecendo a correspondência de função (NARO, 2003).

Como o estudo segue a Teoria da Sociolinguística Variacionista, leva em conta os casos que são passíveis de variação, que podem apresentar, em um mesmo contexto, as variantes mencionadas nos exemplos anteriores. Nesse sentido, os dados que não admitem variação foram desconsiderados, apesar de, em algum momento, podermos encontrar uma das formas variantes, e estas fazerem menção a uma porção maior do texto, como em (4).

Cadernos do CNLF, Vol. XIII, Nº 04

(4) Quando a apuração do pleito garantiu matematicamente sua vitória, o candidato *Luiz Inácio Lula da Silva* falou como presidente de todos os brasileiros, com é da índole do governo presidencialista e da tradição republicana. Agradeceu os votos recebidos, enalteceu 'o extraordinário espetáculo da democracia' e anunciou que convocará os 'homens de bem, sindicalistas, empresários, intelectuais e trabalhadores para a construção de "um país mais justo, fraterno e solidário".

Era indispensável a *palavra*, ungida pelas urnas, dirigida à comunidade internacional sobre o cumprimento dos contratos firmados pelo Brasil e a reciprocidade do respeito que espera do mercado." (Editorial – *JB*)

A expressão *a palavra* é um SN que engloba e rotula as orações destacadas, na verdade todo o parágrafo precedente. Mas por vir seguida das expressões “ungida pelas urnas” e “dirigida à comunidade internacional” não permite variação, não pode alternar com o pronome neutro *isso* ou a anáfora zero.

Também foram desconsiderados casos em que a porção textual já foi retomada por uma das variantes, principalmente por um SN, e depois o item continua no texto, podendo ser substituído por um pronome pessoal ou até mesmo pelo uso da anáfora zero, como observamos em (5).

(5) Foi exagero o Partidão bancar a versão de que o pessoal da ditadura estava recuperado. Muitos simpatizantes do PCB desgarraram. *A evasão* mostrou o fôlego curto da classe média, mas *o* deu expressão social a um sentimento de esquerda que iria realizar a campanha do petróleo e enraizar o nacionalismo. (Artigo de opinião – *JB*)

Quando o pronome *isso* aparecia em expressões como “além disso”, “enquanto isso”, também não entrou na análise, pois o pronome, geralmente, é invariável nestas expressões cristalizadas, como ocorre no exemplo abaixo.

(6) O fracasso de projetos políticos como o nasserismo e, *além disso*, a reação contra a presença colonial do Ocidente acabaram trazendo de volta a teocracia – ou reforçando regimes esclerosados. (Editorial – *O Globo*)

Outro problema para a análise foi que, do total de ocorrências, encontramos contextos em que não seria possível a variação entre as três formas. Assim, resolvemos separar os dados em dois subconjuntos: o primeiro apresenta casos em que pode haver alternância das

Cadernos do CNLF, Vol. XIII, Nº 04

três formas, havendo, portanto, uma variação ternária; o outro é composto por casos em que não era permitida a variação com a anáfora zero. As orações que fazem parte deste conjunto apresentam algumas características que resultam em restrições para a omissão do item, que foram as seguintes:

a) a existência de elementos enfáticos, como veremos abaixo;

(7) *Mas a Teerã de Reza Pahlevi, com toda a brutalidade da política, tinha sido um lugar vivo e intelectualmente animado.*

É *essa mentalidade* que volta a se manifestar no Irã, e que encontra defensores mais ou menos ousados como o presidente Khatami. (Editorial – *O Globo*)

(8) Não há dúvida de que *as Forças Armadas americanas entregaram-se de corpo e alma à tarefa de derrubar Saddam Hussein. Só a dedicação mais canina* explica tamanho desvelo, tamanha aplicação de recursos e conhecimentos técnicos. (Editorial – *O Globo*)

Em ambos os casos acima, há elementos que impedem a omissão do sujeito. No exemplo (7), a oração clivada tem a omissão do termo impedida por causa da expressão *é que*. Já em (8), o não preenchimento é restringido pela palavra de exclusão *só*.

b) a ambiguidade entre uma referência específica ou estendida;

(9) *A maneira ortodoxa é o governo criar um orçamento específico para a cultura e entregá-lo a um órgão competente, tipicamente o Ministério da Cultura.* Como não poderia deixar de ser, *esse método* provoca uma enorme controvérsia, porque nem todos os projetos podem ser aprovados, e cada produtor cultural acha que seu projeto é melhor de todos. (Artigo de opinião – *O Globo*)

O exemplo (9) corresponde a essa ambiguidade referencial. O SN *esse método* pode ser sinônimo de “a maneira ortodoxa” ou estar englobando as orações destacadas. Podemos substituir o SN pelo pronome *isso*, tirando um pouco da ambiguidade, pois este pronome mantém a referência abrangente. Mas se omitirmos o sujeito, o leitor pode considerar, como sujeito de *provoca*, o SN *a maneira ortodoxa* e nem notar a possibilidade de retomada das orações.

c) o fato de o item variável expressar uma circunstância.

(10) *O tema dos transgênicos é extremamente polêmico, não só no Brasil mas em todo o mundo, e o debate sobre a liberação dos alimentos*

Cadernos do CNLF, Vol. XIII, N° 04

modificados geneticamente para consumo irrestrito encontra-se longe de sua conclusão. Por este motivo, tomo a liberdade de sugerir ao governo federal que adote prática semelhante à do projeto que apresentei no Rio, de modo a garantir à população brasileira um de seus direitos mais elementares: o de ser informado sobre o que está consumindo. (Artigo de opinião – *O Globo*).

As tabelas a seguir apresentam a distribuição das variantes nos dois subconjuntos.

Variante	APL/T	%
SN	46/208	22
Isso	84/208	40
Anáfora Zero	78/208	38
TOTAL	208/208	100

Tabela 2 – Distribuição das variantes na variação ternária

Variante	APL/T	%
SN	95/144	66
Isso	49/144	34
TOTAL	144/144	100

Tabela 3 – Distribuição das variantes na variação binária

Para lidar com a análise dos dados, lançamos mão da teoria variacionista laboviana, pois um tratamento estatístico das ocorrências permite avaliar com maior precisão as tendências de emprego das formas alternativas.

Então, vamos passar para a análise dos resultados obtidos no subconjunto da variação ternária.

1. Análise da variação ternária

Na análise ternária (SN~ISSO~ \emptyset), resolvemos fazer a oposição entre ocorrências preenchidas e não preenchidas, pois tínhamos o intuito de encontrar quais fatores se correlacionam com o não preenchimento neste tipo de fenômeno.

Um dos aspectos considerados foi a função sintática do item referencial na oração, variável esta que foi a primeira a ser selecionada pelo programa VARBRUL. As categorias sintáticas utilizadas

Cadernos do CNLF, Vol. XIII, N° 04

neste estudo foram as seguintes: sujeito (cf. exemplo 1) e outras funções (exemplo 3 acima).

A tabela (4) apresenta a influência da função sintática na escolha da anáfora zero.

Função sintática	APL/T	%	PR
Sujeito	71/153	46	.60
Outra função	7/55	13	.25
Total	78/208	38	

Tabela 4 – Influência da função sintática na escolha da anáfora zero

De acordo com a tabela, podemos ver que a função sintática de sujeito exerce forte influência na escolha da anáfora zero (.60). Talvez por esta função ser considerada o tópico primário da oração (GIVÓN, 1983), ou seja, relacionar-se, quase que diretamente, com a posição tópica do item no discurso, gerando uma continuidade discursiva, há uma recuperação mais fácil da referência englobada pelo co-texto, o que possibilita a omissão do item referencial. Em outras funções sintáticas, o peso relativo é bem mais baixo para a omissão (.25).

Outro grupo de fatores analisado foi relacionado à semântica do verbo. Nesta análise levamos em conta as seguintes classificações:

- a) verbo relacional – verbo de ligação e verbo *ter* mais atributos (cf. exemplo 1)
- b) verbos de ação e processo – Nesta classificação, todos os verbos não relacionais foram englobados, ou seja, a classificação pode incluir os verbos significativos de ação e processos, como o exemplo 3 acima.
- c) verbo auxiliar

(11) *Saddam já concordou com a volta dos inspetores.* Ø Pode ter sido, é claro, só um gesto diplomático preventivo, para esvaziar os esforços guerreiros de Bush. (Editorial – *O Globo*)

O uso do auxiliar *poder* atenua a posição do autor do texto, no exemplo acima. Para não ser tão enfático em sua posição, o autor modaliza o seu discurso.

Cadernos do CNLF, Vol. XIII, Nº 04

Em relação à influência dos verbos, confirmando resultados de trabalhos prévios (PAREDES SILVA, 1985; PAREDES SILVA e SAGRES, 1992; OLIVEIRA, 2000, 2001, 2005), o verbo de ligação se mostra o mais influente na escolha da anáfora zero. Na tabela abaixo (tabela 5), há a apresentação dos resultados referentes à semântica do verbo.

Tipo semântico do verbo	APL / T	%	PR
<i>Verbo de ligação</i>	51/97	53	.62
Auxiliares	9/22	41	.48
Verbos de ação e processo	18/89	20	.37
Total	78/208	38	

Tabela 5 – Correlação do tipo semântico do verbo na escolha da anáfora zero

Em um contexto com um verbo de ligação, o peso relativo é de .62 para se encontrar a anáfora zero. O contexto que menos favorece o uso é o com verbos de ação ou processo (.37).

Pelo fato de o estudo analisar um mecanismo discursivo, controlamos o gênero textual e a sequência discursiva em que se insere. Partindo de uma distinção entre gênero e tipo de texto, consideramos que os gêneros presentes no estudo são gêneros da esfera jornalística que realizam textos predominantemente argumentativos. Além disso, na pesquisa, estamos seguindo uma perspectiva que considera que um texto apresenta diversas sequências textuais, com o predomínio de uma (MARCUSCHI, 2002).

O peso da anáfora zero é maior no gênero *editorial*. A chance de se omitir um termo é de .67 neste gênero, como se vê na tabela (6). Além desse gênero se caracterizar por uma maior continuidade temática, possibilitando o apagamento do item por ser recuperável pelo cotexto, o outro motivo que podemos levar em conta em relação a este gênero é o fato de ser mais impessoal do que o *artigo de opinião*. Nesse gênero, há a apresentação da opinião do grupo administrador do jornal, mas não de uma pessoa específica, como ocorre no *artigo de opinião* (BELTRÃO, 1980).

Gênero Textual	APL / T	%	PR
Editorial	38/72	53	.67
Artigo de opinião	40/136	29	.41
Total	78/208	38	

Tabela 6 – Influência da variável gênero de discurso na escolha da anáfora zero

Cadernos do CNLF, Vol. XIII, Nº 04

Resolvemos investigar em que tipo de sequência (ou tipo de texto) a anáfora zero tende a aparecer e esta variável foi a quarta a ser selecionada. Como a nossa preocupação é em relação à sequência argumentativa, decidimos fazer uma distinção entre sequência argumentativa/explicativa e outras sequências.

Seguindo a visão de Bronckart (1999), as sequências argumentativa e explicativa são muito semelhantes, pois ambas se originam a partir de uma constatação; a diferença é que a argumentativa apresenta um assunto contestável, enquanto a explicativa lida com um fenômeno incontestável. Mesmo com essa distinção estabelecida pelo autor, nem sempre fica fácil distingui-las. Por esta razão, resolvemos analisá-las conjuntamente em oposição às outras sequências, a narrativa e a descritiva, que se organizam de forma diferenciada da argumentativa/explicativa.

Os exemplos (2) e (12) representam essa divisão. O exemplo (2) é um caso de sequência argumentativo-explicativa, enquanto que o exemplo (12) foi classificado na análise como um contexto de outra sequência, pois é uma sequência narrativa.

(12) “Aos poucos, o Irã de Khomeini foi sendo absorvido pela marcha da História — até que, no 11 de setembro, o *fanatismo islâmico atacou os EUA no seu ponto nevrálgico*. ☐ Era a afirmação da Frente Islâmica Mundial de Osama bin Laden, que, já em 1998, condenara à morte todos os americanos.” (Editorial – *O Globo*)

A influência dessa variável demonstra que nas sequências não argumentativo-explicativas, o uso da anáfora zero é o mais provável (.73), como podemos ver na tabela (7).

Sequência discursiva	APL / T	%	PR
Argumentativo-explicativa	57/169	34	.44
Outras sequências	21/39	54	.73
Total	78/208	38	

Tabela 7 – Influência da sequência discursiva na escolha da anáfora zero

Outro fator selecionado foi a ambiguidade discursiva. De certa forma, essa variável independente foi um dos motivos para o estudo da variação binária (análise do SN *versus* pronome neutro *isso*) – casos em que não é permitida a variação com a anáfora zero.

Neste grupo da variação ternária, entendemos como ambiguidade a dúvida quanto à extensão compreendida. Em alguns contex-

Cadernos do CNLF, Vol. XIII, Nº 04

tos, havia uma dúvida quanto à extensão que se estava englobando, considerando-se a delimitação ambígua. Em outros, a referência era clara, então, a ocorrência era considerada como não ambígua.

(13) Até agora, temos vivido numa ineficiente *'divisão de trabalho'*: o MEC cuida do ensino superior; os municípios do ensino básico; os estados de alguma coisa que fica entre um e outro.

∅ Não está funcionando. É verdade que o MEC entrou (em boa hora) com o FUNDEF – fundo de apoio aos professores, reforço na caixa dos municípios. (Editorial – *O Globo*)

Os exemplos já citados (1) e (3) são considerados casos de delimitação de contexto não ambíguo. Já o exemplo (13) é considerado uma ocorrência ambígua em relação à extensão da referência. Com a omissão do sujeito da frase, o autor cria uma ambiguidade em relação a uma referência específica (“divisão de trabalho”) ou a uma referência estendida (“o MEC cuida do ensino superior; os municípios do ensino básico; os estados de alguma coisa que fica entre um e outro”). Por haver dois concorrentes a esta posição, a não expressão do sujeito gera esta dúvida. De fato, um está incluído no outro.

Assim, em contextos em que há o uso de anáfora zero, há um peso relativo mais alto associado ao contexto não ambíguo (.57), como podemos ver na tabela (8).

Ambiguidade contextual	APL / T	%	PR
Não ambíguo	64/150	43	.57
Ambíguo	14/58	24	.33
Total	78/208	38	

**Tabela 8 –
Influência da ambiguidade contextual na escolha variante anáfora zero**

2. Conclusão

Em síntese, no que se refere ao uso das três formas variantes, constatamos que a anáfora zero se correlaciona com a função sintática de sujeito, o verbo de ligação, o gênero *editorial*, a sequência não argumentativa e o contexto não ambíguo.

Estes resultados encontrados confirmam as características já constatadas em trabalhos anteriores feitos na fala (OLIVEIRA, 2000, 2001, 2002, 2005) e em cartas pessoais (PAREDES SILVA, 1985;

Cadernos do CNLF, Vol. XIII, Nº 04

PAREDES SILVA e SAGRES, 1992) e acrescentam outras. Portanto, podemos dizer que esta pesquisa contribuiu para o estudo dos mecanismos coesivos no português.

BIBLIOGRAFIA

APOTHÉLOZ, D. & CHANET, C. Definido e demonstrativo nas nomeações. In: CAVALCANTE, M., RODRIGUES, B. & CIULLA, A. (orgs.). *Referenciação*. São Paulo: Contexto, p. 131-176, 2003.

BELTRÃO, Luiz. *Jornalismo opinativo*. Porto Alegre: Sulina, 1980.

BRONCKART, Jean-Paul. *Atividade de linguagem, textos e discursos: por um interacionismo sociodiscursivo*. Trad. Anna Rachel Machado Péricles Cunha. São Paulo: EDUC, 1999.

FRANCIS, Gill. Rotulação do discurso: um aspecto da coesão lexical de grupos nominais. In: CAVALCANTE, M., RODRIGUES, B. & CIULLA, A. (Orgs.). *Referenciação*. São Paulo: Contexto, 2003, p. 191-228.

GIVÓN, Talmy. *Topic continuity in discourse: quantitative cross-languages studies*. Amsterdam: John Benjamins, 1983.

MARCUSCHI, Luis Antonio & KOCH, Ingedore Grunfeld Vilaça. Estratégias de referenciação e progressão referencial em língua falada. In: ABAURRE, M.B.M. & RODRIGUES, A.C.S. (Orgs.). *Gramática do português falado*. Campinas: UNICAMP, v. 8, p.31-56, 2002.

NARO, Anthony Julius. Modelos quantitativos e tratamento estatístico. In: BRAGA, Maria Luiza & MOLLICA, Maria Cecília (Orgs.). *Introdução à sociolinguística: o tratamento da variação*. São Paulo: Contexto, 2003, p. 15-26.

OLIVEIRA, Amanda Beatriz Araujo. Variação em Sujeitos de Referência Estendida na Fala Carioca. Estudos Linguísticos XXXIV. Campinas: Unicamp, 2005, p. 1379-1383. Disponível em: <http://www.gel.org.br>

Cadernos do CNLF, Vol. XIII, N° 04

_____. *A função dos sujeitos de referência estendida no discurso*. Trabalho apresentado na XXIV Jornada de Iniciação Científica (JIC). Rio de Janeiro: UFRJ, 2002.

_____. *Sujeitos de referência estendida em duas amostras da fala carioca: o indivíduo e a comunidade*. Trabalho apresentado na XXIII Jornada de Iniciação Científica (JIC). Rio de Janeiro: UFRJ, 2001.

_____. *Sujeitos de referência estendida em dois momentos*. Trabalho apresentado na XXII Jornada de Iniciação Científica (JIC). Rio de Janeiro: UFRJ, 2000.

PAREDES SILVA, Vera Lúcia. Relevância das variáveis linguísticas. In: BRAGA, Maria Luiza & MOLLICA, Maria Cecília (Orgs.). *Introdução à sociolinguística: o tratamento da variação*. São Paulo: Contexto, 2003. 67-72.

_____. “É isso aí” – verbo *ser* e demonstrativos em função coesiva. Comunicação apresentada no X Encontro Nacional de Linguística. Rio de Janeiro: PUC, 1985.

_____ & SAGRES, Maria Terezinha Machado. *Usos da referência estendida na escrita de cartas*. Comunicação apresentada em Congresso na UERJ. Rio de Janeiro: 1992.

TARALLO, Fernando. *A pesquisa sociolinguística*. São Paulo: Ática, 2004.